

The image features three ears of yellow corn arranged diagonally across a dark, textured background. The corn is the central focus, with its kernels clearly visible. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the corn and the husks. The text is overlaid on the top half of the image.

SILVESTRES DA MINHA ALMA

Ao Grito
do Meu País

Pé Daterra

Silvestres da Minha Alma

Ao Grito do Meu País

***Para si,
Poeta de Angola,***

sê fiscal daquilo que te rodeia,
transpira o grito forte deste país
e despe-te da militância, se quiseres engravidar poesia!

A vós,
E à minha família
Vaketu!

O autor
Pé Daterra

Ficha Técnica:

Título: Silvestres da Minha Alma

Autor: Pé Daterra

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Lubango, 2022

Índice

Agradecimentos	VI
Dedicatória	VIII
Prefácio	X
EM MIL CASSETES	XII
QUANDO A MORTE NOS SEPARA	XIII
O TEU DINHEIRO NÃO ME ABRAÇA	XV
INDISCIPLINADO	XVI
VOU LEVAR MEUS POEMAS	XVII
CEM TEMPO	XVIII
ETERNAS SAUDADES	XIX
POESIA É ISSO	XXI
ANORMALISMO	XXII
RENÚNCIAS POSSÍVEIS	XXIII
VAMOS FAZER GÊMEOS	XXV
OU ÀS VEZES	XXVI
DESDE QUE PARTISTE	XXVII
LODO NOS MEUS OLHOS	XXVIII
OS PÁSSAROS	XXIX
QUERIA SER COMO OS PÁSSAROS	XXX
SAUDADE MINHA	XXXI
SOU PRANTO E LÁGRIMA	XXXII
PURIFICA TEU OLHAR NO MEU	XXXIII
SE TIVESSE SALDO	XXXV
VOLTAREI	XXXVII
NOSTALGIAS	XXXIX
GRITO DE NÓS	XL
À ALDEIA DE MUMWE	XLI
NA MINHA TERRA	XLII
LAMÚRIAS	XLIII
FELIZ NATAL	XLIV
MULHER DA ÁGUA PRECIOSA	XLV
HELENA MAMBO – MÃE PERDOÁVEL	XLVII

POESIA DO MATO	XLIX
UM ADEUS À PORTA DO AMOR	LI
SILVESTRES DA MINHA ALMA	LII
AO MEU SANGUE MAPAPO	LIII
FLOR DIVINA	LV
NA MINHA PÁTRIA ANGOLANA	LVII
SE TIVESSE SALDO II	LIX
O DIA QUE EU MORRER	LX
LOUCURA E ALEGRIA	LXII
PARA UM AMIGO ACHEGADO	LXIII
VELÓRIO DO COMBATENTE	LXIV
ÉS A MULHER QUE EU CONHEÇO	LXV
IGNOMÍNIA	LXVI
A DOR MINHA	LXVII
SOBRE O AUTOR	LXVIII

Agradecimentos

A todos que doaram o seu espírito para esta obra continuar a viver (ter vida). E que dessa vida nasçam outras vidas.

Não escapo da Ana Teresa mãe dos filhos, pela fé e ter suportado a minha falta de atenção por muito tempo;

À minha família pelo apoio inumerável.

Aos escritores, Valdemar Ferreira Ribeiro, Abílio Lupenha, Chia KMK, João Katombela e outros pela amizade;

Aos poetas: Mapapo, Kassala, Chekito e os que não cabem nesta lista pelo companheirismo;

Agradeço e também um abraço, à toda equipa da **ASA/HUÍLA ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA**, por promover criatividade através do projecto "desenvolvimento da literatura na Huíla" apostando assim na formação de autores e divulgando os livros em formato digital.

E não esquecendo o mecenas "**ÁGUA PRECIOSA**", em especial ao Sr Valdemar Ferreira Ribeiro e a si, um até já!

A todos que namorarão ou não – Silvestres da Minha Alma, que aprendam ser anotadores de suas histórias. Ninguém escreve melhor a sua história, além de você. Pois, costumo sempre dizer – conhecem-se as coisas convivendo com elas.

A si leitor, obrigado pela leitura e faça boa viagem!

Da Huíla ao mundo, 30 de Outubro 2022

O
Autor

Dedicatória

Ana Teresa Vieira, pelo amor e carinho,
Aos filhos, pela benção!
Aos irmãos, pela compreensão,
Aos meus especiais professores, pelas lições,
A toda família, pelo silêncio!
A todos escritores e leitores, pela atenção!

A todos;
O que não se cruzam são pedras e montanhas,
Pessoas hão de cruzar sempre.

Prefácio

Depois de muito tempo fora do Lubango, distante dos amigos, família e outros projectos, Pé DaTerra mesmo assim sente-se próximo de tudo pelo desenvolvimento mundial através das Tics, a mídia, o telemóvel e assim sucessivamente.

Pé DaTerra brinda os amigos da Literatura e os amantes da escrita e não só, com uma obra poética intitulada Silvestres da Minha Alma, esta obra é constituída por 43 (quarenta e três) poemas cheios de força e energia, espero que o querido leitor sinta o contágio da escrita ao sobrevoar neles, porque na realidade eles vão fazer-te viajar no tempo e sentir saudades de um lugar onde queria muito estar.

E como o destino é repleto de mistérios, o "Silvestres da Minha Alma" vai desmistificar parte deles permitindo que a natureza luzente se coloque entre você e eu.

Belson Hossi

EM MIL CASSETES

discutir com o governo não é coisa fácil, você nunca descansa livre!

Se o ar me valer,
Desejo cheirar o novo perfume da vida
E não mais voltar atrás para acreditar
Mesmo sem saber,
Que o antigo é para se seguir ou abandonar

Eh, sorrir admirado pela desgraça
Dançar de novo a música dos políticos
Para enfrentar momentos estúpidos
Porque o poder torna-se herança

A vida é muita coisa... exactamente!
Quando o sol atravessa as árvores
Os cães morrem nas ruas
Crianças cuspidas cruas
E as moscas sem panos gritam nos bairros
E os pobres engordam de fome, pobremente!

Mais um ano para soltar os assassinos
As manhãs famintas, cruas, nuas e frias
Todos estendidos em feiras de finos
Caminhamos pelas ruas de esmolas
Os petizes vão humilhados de dores nas escolas
E as cobras sem coração, cruzam nos caminhos

Mais um ano de cassete chegou
Com passos mais em frente de quem alegou
Disposto para enfrentar:
Trovões, infernos e misérias deste solo
Que só atingem os fracos...

**25
Dezembro
2016**

[XII]

QUANDO A MORTE NOS SEPARA

Afinal,
É isso que vocês querem?...
Ampliar a minha foto!
Estampar flores de altas qualidades
Comprar no estrangeiro
Urna que custa muito dinheiro
Me cobrir com cortinas tao límpas

Semear lágrimas torrenciais
Amarrotar vossos rostos de dores
Sangrar rancor na alma
Despejar lágrimas alegres
Como se eu fosse importante?...

Vir cascar mandioca e bater canjica
Se saturar de quiçânguas e outros líquidos se embebedar
Bater arroz com feijão...
Deixar cair pedaços de peixe
Migalhas de pirão no chão
Comendo nas calmas dizendo que morri?...
Enquanto estou sentado naquela urna
Em que não consigo me virar?

É isso que vocês querem?...
Vir beber, comer, rir e conversar pausadamente
Enquanto putreficado e cansado
Estou naquela urna quente
Em que não consigo me virar
Nem tampouco vos olhar?...

É só isso que vocês esperavam.
Estive doente e nenhum vinha me visitar
Agora que morri,
Querem me promover
Estão preocupados em perguntar
Se morri de quê!
Eh, é isso que vocês queriam.

É isso que vocês querem?...
Dizer que minha alma fique em paz
Que a terra me seja leve
Enquanto a morte é guerra

Cavada sobre a terra?...

Ehehehehehehe

É isso que vocês querem?...

Fazer ofertas no meu óbito

Que tal dinheiro não levo?

Fazer barulho barulhento quando abusado pela morte

Durmo amargo desmantelado e calado na sorte

É isso que vocês querem?...

Me dar valor quando não sei de mais nada

Do fim desta má vida

Quando não vejo agradecer?...

Não quero que vocês ampliem a minha fotografia

Nem montar flores muito limpas

Em que não consigo me virar

Para vos olhar e minhas mãos palmar

E dizer vaketu pelo presente

Não façam isso quando eu morrer!

Afinal,

É isso que vocês querem?...

Porquê?...

Mas porquê, não fazeis isto agora!

Antes que eu não me vá embora

Que eu possa vos olhar e agradecer

Enquanto presente vida!

Mesmo que vocês chorem em voz alta

Fazendo barulho barulhento

Eu dormindo um sono pesado

Ali mesmo escondido e pausado

Nem o corpo, nem a alma

E nem nós sentimos mais...

Não venham chorar quando eu morrer

Talvez vir declamar a minha doce poesia

Nada de vaidades no meu funeral!

Agora que já não cuio,

Me enterrem no Mucuio!

Lubango, Pé Daterra, Angola para o mundo,

Um de Novembro de dois mil dezasseis

O TEU DINHEIRO NÃO ME ABRAÇA

Eu te quero,
Eu quero o corpo humano
Me ofertar a tua alma
Docemente, me comer na cama
E sentir a tua presença na minha

Eu quero teus conselhos que a vida não diz
Sem me importar com teus problemas
Sendo por ti, criança aprendiz

Oh, homem, quero a célula do teu amor
Meus olhos nadarem nos teus
Sentir a tua lua e o bater do teu carço
Me esconder no aluguer do teu corpo

Eu quero teus afagos
Me agredires com carícias
E não com o teu dinheiro
Cansei de desesperos
Teu dinheiro nunca irá me abraçar
Contigo eu quero na cama dançar
E o amor levar-nos pelos ares

Eu te quero e ponto
Me cobrir com carícias tuas
Me cercar, com suspiros e toques
Teus dedos nadarem na minha pele comichosa a mil maneiras
Estender a cama e me abraçar a vida inteira
Até me engravidar!

22
Outubro,
2016

INDISCIPLINADO

Ofende minha pele o vento
Sonhos mijaram na minha cama
Os bandidos querem a minha alma
Quando cruzo com o ar lento

As aves sem capacetes
Vão nos seus serviços
Rio-me desses poços
Poços dessas cassetes

Já dancei aquela música
Fiquei com a pele nua sem membrana
De mim ninguém sentiu pena
Cães têm muita política

As noites guardam as paredes
Quando o sol amanhecer
Abandonam as paredes
E também querem ir sem saber

Pobres são escravos de ricos
Seus olhos entraram no fundo
E os ricos riem-se deles
Como donos deste mundo

Aos 21 de Janeiro de 2017

VOU LEVAR MEUS POEMAS

Canção: **ó poeta declama;
Não brinques no palco;
Se brincares no palco...
O teu poema vai perder.
Ó poeta!**

Vou deixar de ser poeta
Para ser só político
Mais que um autêntico
Angola é um planeta

Vou levar meus poemas
No parlamento,
Quero alimento,
Aos peculatos sem almas

Estou com farelo na garganta
A dor só me apetece
Aqui tudo emagrece
Até as moscas escondem pirões nos seus casacos.

**24
Agosto
2017**

CEM TEMPO

Sou a pedra que o tempo escreve
Não me escrevo, me isolo
Contem em mim angústia perdida
Sou para ti o que não serve

A vida,
A vida? Esse ar que parte
É o resto que viemos
Da dor que sentimos

08.08.019

ETERNAS SAUDADES

(... meu filho memorável)

Longe estás de meus olhos
Habitas tu lá nas alturas
A vida é isso de aventuras
Quanta paz no umbigo de abrolhos

Quanta saudade e melancolia
Que haja sossego na partida e chegada
Cá estou faminto da tua euforia
Muyovoli, que tua alma seja sossegada!

Ó filho simpático,
Aonde busco o teu doce sorriso?
A mim me parecia eternidade
Ironia do destino, crua tua idade
Tão divino voaste lá no paraíso

Pensava que continuaríamos
A partilhar o mesmo leito,
Mas tu vens com essa de me estoirar o peito,
Pois vivas lá alegre e feliz
E eu cá pobre e infeliz

Pensava seres a salvação de meus pecados
A floresta da fé. – Eras a igreja
Que entre as horas do dia rezava
Decorando o teu sorriso a fazer beicinho

Pensava seres anjo, livro – vénia
A salvação de teu pai! – eh, e agora?
Muyovoli, varreu-te a flecha do destino!
Com várzea, bateste-me no meio da cabeça!

11 de Julho de 2020

POESIA É ISSO

Poesia é isso,
Voar contratempo parado
Sair de dentro o coração partido
Querer felicidade,
Sentir a frescura arejar
Amar e também invejar
Fabricar amor e entregar

Poesia é isso,
Pisar a brisa da argila com pés nus
Matar a vida com olhos sem cruz
Amar-me sem mim...
É apaixonar-se pela saudade
De tamanha alegria
Quando nos apossa a sinceridade
Na noite linda e fria

Poesia é isso,
Isso, de cantar a vida
Isso, de ter querida
Isso, de pensar e não encontrar.
Isso, de não se importar

Poesia é isso,
De inventar sorrisos e paraísos!
De dizer o indizível.

Mumwe, 21.03.2021

ANORMALISMO

Cantei músicas que eu mesmo não entendia,
Escrevi crónicas que nem sequer eu lia
Amei pessoas que um dia na cara me atiraram
Acreditei com os olhos quando o coração perdia,

Chorei, mesmo sabendo que não tinha poder de trazer alegria
Fiz amizades, que até hoje perderam asas que eu queria
Abracei o tempo eu nem sequer eu via
Vivi a vida que afinal era alheia...

Aplaudi, quando na verdade não sabia
Falei sim, quando era para dizer – não!
Conquistei, mesmo sabendo que não servia.

Falei com pessoas que eu desconhecia
Inventei-lhes contos, que eu não conhecia
Prometi-lhes o que não devia
Por isso é que, pequei pecado pecador!
E perdi a vida como um sofredor...

Pois, saudei a saudade que me saudou!

Viana, 20-03-2021

RENÚNCIAS POSSÍVEIS

Os vossos canhões,
Foram, sem direcções e atingiram nossos entequeridos
Batalhões apodrecidos
Querendo riquezas milhões,

Entregai-os a pátria roubada
Dai-os a vida que merecemos
Menos a morte viva que sofremos
Paz, para a família abandonada!

Devolvei bois de meu avô.
Galinhas e ovos da minha avó.
Cabritos do meu tio
Porcos da minha tia

Pombos e pombas da minha mana.
Das nossas lavouras,
Vinde tirar toda mina.
Que pela vossa ambição minaram

Dai-nos a paz e a alegria na mesa
A batalha era para quê fim?

Vinde colocar a perna de meu pai.
Pelos maltratos que suportou
Na vossa batalha,
Hoje não trabalha,
Vive abandonado e esquecido

Como se não tivesse combatido

Dai-nos a paz e a alegria na mesa

A batalha era para quê fim?

Se ainda nos matamos a sangue frio!

Se ainda pagamos a quem devia nos defender

Se ainda vivemos como estrangeiros nos nossos quintais

Estamos cansados de nos arrepender

Cansados estamos de beber água do rio!

Devei já o que levastes à força

Vinde entregar as nossas casas

Que por vossa arrogância destruíram

Trazei as nossas catanas que com elas nos cortejastes

Vinde e peçais perdão, meus senhores...

Trazei.

Pois, já não suportamos a dor!!

Viana,

23 de Março dum ano qualquer

VAMOS FAZER GÉMEOS

Amor, vem!

Chegou a hora,

De te falar no ouvido

Vem meu querido

Te quero agora,

Vem me comer devagar

Quero ser tua comida

Entra e empurra o fundo

Me ensina como se faz.

Amor,

Me da meu pau de carne

Em troca da carne do teu mel

Prontos para se servir amor...

Cansado estou,

Com essa doença do coração

Vamos nossos gémeos.

Deixa cantar louvores na tua boca

Abre a luz do teu corpo e me cola

Traz pinturas do teu amor

E vamos maltratar essa dor

13 Abril 2021

OU ÀS VEZES

Às vezes,
Tento lembrar para esquecer
De muito esquecer, me vem lembranças
Essas de partir a dor!

Fico assim...
Com cor dum coitado
Pela tristeza lapidada
Gozo de meus gozos

Perco veias.
Me vitamino de suspiros
Com um coração que pesa
Na vida que lesa
Nessas tristes areias.

03 Julho 2021

DESDE QUE PARTISTE

Já não sinto o brilho das estrelas
O sol já não tem brilho
Me quebraste como espelho
Vou andando por aí sem costelas

Sou nada.
Sou a vergonha do mundo
Sou a ferrugem asiática no fundo

O teu sorriso me alimentava
Teus choros por eles eu rezava
Lembranças me afogam o peito
Nos sonhos me visitas no leito

Pois,
Ainda não completei a passagem
De ir junto de ti... nessa miragem
Desesperado em braio minha respiração

02 de Outubro de 2021

LODO NOS MEUS OLHOS

Estou a morrer de raiva
Pelo pobre que oferece seus haveres
Ao colega de vossa excelência favores

Estou a morrer de raiva
Ao ver camponês a doar sacrifícios ao político
Quando ele se despede com nudez ao parálítico

Eu disse:

- Estou a morrer de raiva.
- Pelo tempo que as palavras não trazem
- Pelas dores que minhas cicatrizes jazem

Estou a morrer de raiva
Por enganares a minha mulher!
Olha que ficou vazia à nossa colher!

Pois, vai e conta de vossa excelência,
Os cuspos do tempo que temos para morrer.

Sinceramente,
Estou com ácido e úlcera na alma!

Angola – 27 de Junho de 22

OS PÁSSAROS

Os pássaros comem tudo
Aterram, pulam e voam
Em sua língua explicam
Murmuram da vida sobretudo

Vivem onde há paz
Constroem aposentos onde são livres
Banham na areia como pobres
Nada com isso se importam...

Os pássaros,
Amam as plantas a crescer
Fingem nada no mundo perceber
Mas têm sua única forma de falar

Plantas, florestas e rios
Têm-nas como um mundo
Se encantam pelas árvores e arbustos
Suas cidades são campos e ninhos

Os pássaros,
Adoram! Suas igrejas são: milho, batata-doce
Jinguba, areia e águas
Quase de tudo se alimentam!
Os pássaros, por quê, mata-los?

Hóke, 23.07.2022

QUERIA SER COMO OS PÁSSAROS

Que tudo comem
Que aterram, pulam e voam
Que no silêncio amam sobretudo a vida
Que desconhecem, lei e democracia

Queria ser como os pássaros
Que escolhem a paz!
Em vez de guerra, inveja e ódio
Preferem onde há liberdade

Como os pássaros eu queria ser
Poisar o amor e as plantas florir
Fingir nada perceber, as coisas colorir
Da minha linguagem o vento perceber

Como os pássaros eu queria ser
Fazer cidades de ninhos e guardas de vespas
Encantar-me pelos espaços...

Queria ser como os pássaros
Adorar em vez de igrejas, políticas e casas
O meu papo enchido de grãos de milho, areias e águas
Falar na minha língua sem ser fiscalizado
Pois, falar mais estou cansado...

23 de Julho de dois mil e vinte e dois

SAUDADE MINHA

Quando sorris, engravidas-me
Quando me abraças, aborto de paixão
Tua voz dirigida para mim,
Leva-me até Berlim!

Vem me brilhar com teus vidros
Vem me limpar com a tua boca
Vem e faz acidente com a minha frente
Assassina-me de pureza e candura quente

Vem ser meu perfume,
Vem brilhar como açúcar e mel
Aceito ser teu costume
O teu corpo é todo meu anel

**Luanda,
04 de
Agosto
de 22**

SOU PRANTO E LÁGRIMA

Minha vida parece um sofrimento
Uma dor funda sem tratamento
Onde lembranças parecem entretenimentos
Feridas da alma são pavimentos

Sou pranto e lágrima
Sou feito de sorriso e tristeza
Sou eu feio com beleza
Tenho uma dor de tradição!
Essa cultura do coração...

Sou pecador por culpa de alguém
Meu dever é pedir perdão
Todos dias.
Dia e noite 70 vezes 7

Sou pranto e lágrima
Sou feito
De choro e lágrima.
Minha tarefa é rezar sempre
Sou pecador por culpa de alguém
E meu dever é pedir perdão
Todos dias.
Dia e noite 70 vezes 7

14 Agosto 2015

PURIFICA TEU OLHAR NO MEU

Sou eu que estou pensando em TI
No calor dos teus beijos
No barulho do vento das tuas palavras
Na luz do teu olhar deficiente,
Na brancura de teus dentes e olhos,
No vinho da tua boca... na pinta dos teus lábios

Minhas lâmpadas querem te embriagar
Olha só, quero-te...
E ser a tua localização,
O croquis do teu corpo
Contigo ser a tua comunicação social
Quero ser o mosquito da tua cama
A doença da tua alma
O poder da tua intimidade!

Quero amalgamar os teus seios
Espremer um bocadinho
Engoli-los como bolinho
Quero dar-te caricias por toda noite
Ah, quero te invejar, estou esfomeado

Puxa-me na tua fazenda
E deixa-me ressuscitar
Quero te falar nada...
Tao baixinho... és tao linda...
Esfregue teus dedos no mosaico da minha pele
Purifica teu olhar no meu

Vem com teus beijos e abençoe meu ventre

Vem bruta de olhares e me entre

Vem! E sorri felicidade do céu

04

Outubro

2015

SE TIVESSE SALDO

Se tivesse ligaria para ela
Nessa noite,
E contar-lhe-ia os meus pesadelos
Que são de mais:
Que os cabelos do meu crânio
Nessas sombras da noite
Venha pôr-me amónio

Se tivesse saldo
Ouviria as palavras dela
Nessa plena noite,
Nessa amena madrugada insípida
Nos meus olhos virgens sem sono
Nesse bocejo humano,
Em que me sinto tão desesperado
Com impulsos de leite,

Se tivesse saldo
Ligaria para ela,
E dir-lhe-ia que estou sem sono
E ela com palavras bondosas
Me desejaria boa madrugada
E eu sonharia com ela depois
Com saudades que adorno

Se tivesse saldo
Ligaria para a minha Teresa
E ela com palavras ritmadas de amor

Com voz salpicada de simplicidade
Com penumbras de cócegas
Atenderia: alô mor!
Oi, Vítor!
Estás bem moreno?
E eu responder-lhe-ia;
Estou sem sono! Sinto saudades tuas!

Se tivesse saldo
Ligaria para Teresa
E declamaria um poema
Que escrevi na cadeia da saudade
Quando estava na terra da felicidade
Ah! Estou sem mensagens
Senão mandaria liga só...
E ela ligaria para o seu manequim
Com toda e pura liberdade!

09 de Setembro de 2015

03h25:43

VOLTAREI

Eu voltarei lá à minha terra natal
Na minha vila do Hóke
Lá aonde consigo ouvir o sinal
Das ondas radiofónicas
Que nos separa, mas nos une
Eu lá voltarei!

Eu voltarei na minha mãe
Embora não despedi quando sai
Vou confessar humildemente
Com pés vestidos de poeira
Prestarei atenção em seus berros
Minha mãe que tanto se sacrifica por mim
Minha mãe, Helena Mambo

Voltarei nos meus irmãos e irmãs
Que doam caridades,
Lá, no meu camba, o Pai Kassala
Que tanto me puxa orelhas
Hei de voltar à minha família

Dessas lembranças estúpidas
Que flutuam no meu cérebro
Deste tempo macabro
Trazer minha identidade

Voltarei,
Aos campos secos e húmidos

Ao grito das aves que assobiam
Aos gados que as terras lavram
Eu voltarei!

Domingo, 12 de Janeiro de 2014

NOSTALGIAS

Foste embora!

Foste embora!

Sem antes conhecer a tua nora

Porra, maldita hora!

Preciso de ti,

Ó pai no meu casamento

Conheceres os meus sogros

Quando chegar o dia do alambamento

Queriam levar-te na tradição

Negaste por seres cristão

Que Deus abençoe a tua alma!

O presente lamento é uma amarga lembrança

Alusiva à família do kimbo

Os teus conselhos são contos deste momento de angústia

A minha lágrima é como água do rio

Eu e os irmãos estamos descontraídos

Prometeste que irias patrocinar meus estudos

Fiquei aqui, não consigo me defender nem com escudos

Aconselhaste-me para que estudasse

Prometi-te! Que minha obra um dia lerias

Agora, o que sobra! São melancolias

28 de Maio de 2008

GRITO DE NÓS

Pelas ruas aonde o vento e luto respira
cães, galinhas, crianças barulham
nos quintais fechados sem nós, transpira
o tempo e a saudade se espalham

O doce convívio a tilintar em pessoas
o futuro arrepiante cheio de nódoas
o roubo, a morte, a doença
são outras coisas que traz a onça!

Os amigos do alheio,
que despem nossos quintais
o medo que dá recado em nossas vozes.
é tudo mentira, pontos finais

10 de Agosto de 22, Kianda

À ALDEIA DE MUMWE

Meu solo não tem água potável
Desses benefícios de Angola
Minha terra não tem lamparinas
Só tem sondas que nós esburacamos

Nas matas só aparecem o verde azul
A época chuvosa,
Não tem a cor do Sul
Só tem abóbora, pepino e melancia gostosa
Comida natural e não importada

Só kimbos ao ar que vive
Não tem aventuras de quintais
As lavras nos empregam
Comemos alimentos vitais
Só tem maçarocas que se assam
Pepinos e abóboras que se cozinham

Tem rios onde as pessoas lavam
E os gados bebem,
Orgulhoso expresso o meu nyaneka
Onongoloviei onwe va Mumwe (boa noite vocês do Mumwe)
Nas árvores metemos colmeias
Para extrair o mel
Ali as aves cantam,

14 Agosto 2016

NA MINHA TERRA

Tem casas separadas, ar que abençoa
Onde as camas são esteiras
Ou pele de certos animais
A energia é o sol

Doutorados!
Não tem, porque a sorte negou-lhes
Tem feiticeiros porque a inveja lhes calça
Tem polígamos com filhos ímpios
Porque a tesão lhes incomoda

Negam nunca filhos à escola
Adoram fora de igrejas
Não há casais que beijam linguados
Na cama se encostam só
Quando se afastam é gravidez

Se assim menti...
Pé Daterra
Não é huilano!
Nem angolano!
Também não é africano
Um poeta que não é Daterra
Sem valor na pátria angolana
No solo lubanguense

26 de Agosto de 2015

LAMÚRIAS

A brasa da lua vermelhinha
As cinzas das estrelas esbranquiçadas
O frio que me abranda
E picareta nos polos dos meus ossos quebrados
O rolo dos meus olhos de libelos,
O cabelo agitado pelo vento

A dor de uma ferida crónica
Que faz comichão nos arredores
Arranca-la cria calo e torna-se grande
É assim que tu fazes dentro de mim
Oh, minha cidade Berlim
Trazes uma jogada polémica no mutima
Uma dicotomia no meu âmago

O chá do frio que embebo na alvorada
A quiçângua que eu agito antes de a tomar
A primeira voz de saudação que te faço
O sorriso que num verso te peço
São modelos do meu amor de fé
Tudo isso, é o ensejo, e a ambição
De ter-te ao meu lado!
Como minha lamúria!

17 de Julho de 2014

FELIZ NATAL

Neste natal agudizo-vos
Cheios de primores nos beijos
Que vós sois pedaços de saudades
Dentro da minha alma inflamatória

A minha árvore de natal
Está armada em meu coração
Nela está pendurada várias lembranças
De todos meus amigos incólumes
Os detentores da minha voz

Peço-lhes uma oração
Os décuplos do meu perdão
O meu natal é a vida
Jesus é a paz que Deus me deu
A minha prenda é Jesus Salvador
O patrono do amor...!

O meu natal é limítrofe
Nos limoeiros dos meus poemas
Nas limpadelas das minhas rimas
Brunidas doam santas saudades

21 de Dezembro de 2014

MULHER DA ÁGUA PRECIOSA

Mulher,
És uma caneta de viver
Que na cama de insónia eu uso
Quentinha ou fresquinha
Trair-te estou em desuso

Mulher,
És a colher do meu coração
Árvore do paraíso
Sombra móvel ajuizada
Faca da minha comida poética
Faca da minha cintura
Molho do meu querer

Mulher,
Teus versos engatinham
Fracos me arranham
És mãe apurada
Amiga aprovada,
Coisa deputada

Mulher,
Ainda que desconheças
Falar de ti cria-me morabeza
Tua voz um relâmpago em mim
Mumwila de raiz,
Nunca defeituosa sem nariz
Teu pirão feito em almofariz

[XLV]

Pé Daterra

Angolana que cama me viola
Giz do poeta, teu corpo é escola
Minha, nossa grande variz

Mulher,
Dançarina de ovinjomba
Embelezada de ovilanda
Arrumada de cultura
Te abstenha da acultura

Mulher,
És mumwila da natureza
Da Huíla vencedora
Da Tundavala com sete maravilhas
Da frescura encantadora
Da nascente da água preciosa
Quem nunca comeu com colher
Sabe falar de uma mulher!

24 de Fevereiro de 2015

HELENA MAMBO – MÃE PERDOÁVEL

Inesquecível mãe querida
Teu amor eterno nessa vida
Jubilado pelo zelo que tiveste
De tanto me zelar até amadurecer
Tua graça não a meço nem sequer

Teu poder amável lógico carregaste
Meu poema no peito católico escrevi-te
O nada que tenho, não chega para te recambiar
Oh! Minha mãe perdoável
Batizaste-me amormente
Beijaste-me pequenino

Minha mãe! Se possível
Passe de mim aquele cálice de amor
Aquele consolo de flor

Devo-te perdões amargos
Mãe! És miserável querida amada
Mas afável e profundo é seu amor
Em minha lástima,
Declamo suavemente e adoro-te
Pelo tanto zelo que tiveste por mim

Com muita paciência me concebeste
Ao parto não me partiste
Sem fel não me puseste na lixeira
Na passada guerra inflamatória

[XLVII]

Pé Datterra

Comigo fugiste nas matas perigosas
Não me abandonaste
Nas ruas cruas,
Despeladas de cacimbo e quenturas
Pela fé que opera teu amor
Teu único ser de mulher

Oh, mãe!
Humildemente peço-te
O nada que tenho não chega para te recambiar
Só te devo perdões amargos
Teu amor suave profundo e afável
Não me peças nada, sou pobre miserável.

05 de Outubro de 2014

POESIA DO MATO

Aqui nos matos,
Os homens com pés nus...
Lapidam caminhos de fome

Constroem casas de pau a pique
Enquanto o sol ri triste
Os corpos cospem águas
As mulheres encontram-se inclinadas nas sombras
A tecer quimbaldas para nelas cozinhare

As galinhas passeiam pelo pátio cacarejando
Os cães a enfeitiçar os estranhos
Que saúdam pelos caminhos

Os petizes com trapos vão apascentar
Gados, cabras e carneiros
Que os sobrinhos apossarão
No entardecer voltam nas mãos
Com cadáveres de pássaros

O leite come-se com os dedos
E não com colheres e garfos
A manteiga da vaca é o perfume das senhoras
Os machos são cangados
As vacas são ordenhadas
As cabras são benzidas com facas

O mato recusou-me a ilusão

Foram os hábitos que me aprenderam
Os contos inventados ou não pelos avós
Narrados pelas escuras noites, antes e depois de jantar
Com vistas que doíam sonos
E fumos vindos de madeiras molhadas
No ar as delongas parábolas
Que avô afinava sem cessar

Foi a infância no mato,
Pelos cabos das enxadas
Pelas pastorícias e caças
Ordenhando o leite para os irmãos
Levando estrume para adubar as lavras

04 de Setembro de 2015

UM ADEUS À PORTA DO AMOR

Não quero mais...

Não quero mais...

Porque tua família está seca

Estão com dentes apertados

Segundo a carta do alambamento

Não vou poder cumprir...

Tem algo extraordinário

Além disso pediram gados que nunca tive

Grades de bebidas que nunca consumiram

Fatos que nunca vestiram

O que está na carta do alambamento

É propina anual de uma faculdade

E se no nosso casamento

Azarar uma infecundidade?

Por isso, tudo que tem início tem fim!

Peço humildes escapatórias

Te amar eu te amo... Mas em cima disso,

Não arrisco subir...

Que eu não vou cumprir...

Apenas peço!

Humildes escapatórias

E um adeus à porta do amor!

24 Janeiro de 2016

[LI]

SILVESTRES DA MINHA ALMA

O ciúme equilibrado, fortalece o amor!

Às vezes telefono e teu celular
Está desligado ou indisponível
Às vezes mando mensagens com sinónimos de saudades
Mas tu lês as letras e me prendes em silêncio

Às vezes suspiro,
Para esquecer desses queixumes
Mas tudo quanto sinto somente ciúmes
Às vezes pergunto aonde deves estar?
E a resposta é sempre talvez...

Como o amor é um investimento
Eu invisto-te em cada momento
Com sonhos de validez...

Quando careço de uts para marcar audiências
Fico preocupado contigo,
Porque existem sempre as desconfianças

25 Janeiro 2016

AO MEU SANGUE MAPAPO

A um africano escondido por aí
Celebre homem do mato
Oh, africano escondido por aí
Na casa de pau-a-pique, nascemos
Nas terras do mato, crescemos
Nos campos livres rodopiamos
Coelhos, rolas, perdizes cinzentas
E outras aves caçamos

Juntos contamos as nossas ascensões
Um perante outro...
Mas não nos afogamos... só nos unimos
E abraçamos essas parcas recordações
Com as poesias que escrevemos
Na terra do nosso Hóke

Do leite azedo que agitamos
Com as mãos comemos
Das maçarocas que assamos
Do milho que torrmos
Dos pés nus com sapatos poeira
Na terra do nosso berço feito capoeira
Com o sotaque do nosso laço
Acudamos nossos avós e hábitos
Ainda que estudemos...
Nossos familiares sempre recordemos!

Olhemos a raiz umbilical

Ainda que amemos a formação
Não esqueçamos, charruas e enxadas
Lá nas lavouras a lavrar... mulheres cansadas
Os nossos suores não mentem,
Camarada! Tenho fé que vamos colher, só haveres

Nas alvoradas, tão cegas e mortas
Quando o beijo não acordou em soneiras
A mulher com apetite lhe exoneras

30.08.2015

FLOR DIVINA

Sou uma flor divina
Não sou uma modesta flor
Tenho pés e ando e falo
Não sou fixa como ela

Sou um ser infantil
Composto por um amor gentil
Acompanhado de dor
E uma fatia de rancor

Quando me ferem,
Meu coração cheira lágrima
Meu espírito voa para os altos
E eu desejo desaparecer

Não sou uma flor da mata
Aquela que você maltrata
Não sou uma flor qualquer
Pois, ela não tem como eu um coração
Sou a flor divina!
Feita de corpo e alma,
Por um Deus!

Como posso ser igualado,
Com algo que não tem pensamento?
Sou uma pessoa e não uma flor
Tenho uma alma perigosa,
Quando estou triste, jorra sangue

[LV]

E quem me obrigar morte

Viverá duramente!

Ah! Flor eu não sou!

31 Janeiro 2016

NA MINHA PÁTRIA ANGOLANA

Na minha pátria angolana

Hei de escrever e declamar poesias

Hei de desejar glórias aos poetas e poetisas

Narrar histórias vertidas em sangues

Do 4 de Janeiro de 1961, 4 de Fevereiro 1961, 22 de Fevereiro 2002,
8 de Março 1908, 4 de Abril de 2002,

O 27 de Maio de 1977, 17 de Setembro, o 11 de Novembro de 1975, o
25 de Maio em 1963, o 16 de Junho e tantas outras...

O 8 de Julho de 2022

Na minha pátria angolana

Somos todos amparados

Todos representados e unidos

Culturados e aculturados

Peregrinos de solo em solo

Em quatro pontos cardeais

De Cabinda ao Cunene e de Benguela ao Moxico

Na minha pátria angolana

Hei de entoar hinos vitoriosos

Criados antes e pós-independência

Com voz presa, mesmo em liberdade

Com a história no punho da mão

Ler grandes figuras

Ouvir negros massacrados

E negras torturadas

Africanos, negros, brancos ou mulatos

Bonitos ou feios,

São todos com sangue vermelho

Hei de vangloriar

A minha pátria angolana

Sou a voz do povo!

20 de Agosto de 22

SE TIVESSE SALDO II

Se tivesse saldo
Contactaria os bancários
Ou também empresários
Para facultarem um crédito

Ligaria para os coronéis e generais
Para os antigos governadores
Até os grandes imperadores
Pequenos e grandes profissionais

Se tivesse saldo
Ligaria para os milionários
Aos que, sabes quem eu sou?
Aos impunes,
Aos vou fazer os possíveis
Para me estenderem a mão...

09 de Fevereiro de 2016

O DIA QUE EU MORRER

O dia que eu morrer
Não choreis porque fui o nada
Não titubeeis vossos corações
Que eu já nunca tive valor
Antes dos vossos tumultos
Antes de me meterem no túmulo
Apalpem o útero dos meus poemas
Leiam-nos no meu funeral
Nada de leituras ambíguas
Enxuguem nelas vossas lágrimas

Dividam-se bem as minhas fotografias
E saibam que sobrevivi de angústias

O dia que eu morrer
Vou querer só a morte,
Vou calar silenciosamente
Dormirei levemente!

Venham me cobrir com folhas brancas
Pintadas com ancas de poesias minhas
Aos poetas e poetisas é proibido prantear
Mas é obrigatório declamar...

Venham todos vocês
Que um dia me ouviram
Que um dia me viram
Não vos fazeis de surdos,

[LX]

Nem tão pouco de despercebidos
Não venham herdar os haveres do meu suor
Que isso possa vos desequilibrar

Não brinquem com a vida,
Para chamá-la de morte
Isso é somente uma eterna sorte!

Então o dia em que eu morrer
Os meus poemas todos manuscritos
Com tinta de esferográfica
Peço favor! Levem-nos à arte gráfica
E leiam-nos no meu funeral!

08. 10. 015

LOUCURA E ALEGRIA

Empreendi grandes palavras
Escrevi para mim rosas inclinadas
E conquistei aplausos...

Fiz jardins e pomares em poemas insólitos
Sobre versos monótonos
Vi árvores floridas
Outras desabrochadas

Apaixonei-me pelas águas
E bebi amarguras
Preciso dum bosque onde possa
Crescer meu amor
Quero um coração igual ao meu
Mas não para ser escravo da dor

Tenho apenas saudades
E cicatriz de humildade
Já ouvi cantores e cantoras
Cantando sobre traições
Eu também declamei sobre isso

Tudo o que meus olhos quiseram
Não lhes ocultei... meu coração é cheio de falácias
Não abracei só alegrias, também tristezas

21 Outubro de 2015

PARA UM AMIGO ACHEGADO

Partilhe a sua
humildade com quem
lamenta, busque
coragem e doe a quem
vive desesperado.

Onde a fome é doída de mais
O pássaro reza uma canção
Ela sai plumas quando voa
No entardecer vai para o rio

Agita as asas para longe chegar
Com a esperança do futuro voltar
Dois olhos, um só coração
Duas asas rumo à mesma direcção

Várias vezes voltando a casa
Escondida lá nos caniços
Ali, ela descansa para o início

Ao sol da aurora,
Marcha direito para a mata
E saúda com vaias ao sair do ninho

23 Fevereiro 2016

VELÓRIO DO COMBATENTE

Se assoprares a bala
Explodirá para ti, camarada!
Se cuspires sobre ela
O fogo atear-se-á no teu sangue

Faz o balanço das tuas botas
Para não caíres nos inimigos
Que te assombram na cegueira...
Cumpre a tua batalha
E com o tempo acharás o galardão
De sorte ou de morte!

Deixaste em tua casa um defensor?

A guerra põe prova a dureza da vida
Não te alongues com batalhas
A custa do teu sangue
Algumas vezes,
Encontrarás perigos de morrer
Serás livre caso tenhas experiência

Detrás da vida há morte
Vê que não combates só para ti
Mas para toda nação
Com regra à salvação!

11 Novembro 2018

ÉS A MULHER QUE EU CONHEÇO

Mereces a confiança das minhas promessas
És por mim cantada nas ruas do amanhecer
Frente de meus olhos de embaixada
Cantina mais pequena a renovar esperanças

Será que vou conseguir?
Governar este difícil coração?
Que me estende a fome na mão
Maltratado e escravizado por civis?

Então, leve no meu coração velho de sofrer
Outra toda tua riqueza,
Que os olhos perderam o brilho
No jugo colonial do teu sorriso
Como se nunca mais juntos iremos crer

Nem eu, nem tu, tão pouco esse amor
Que vem sendo dona de tudo, tudo e dor
Terás direito a carícias em noites de vigário
Vem me agredir quando pensar sobreviver nas ruas

És a mulher que eu conheço
Já cansei de pensar que vivo contigo há tempo
Conheço-te, mesmo com a minha cegueira
Pois, sei que mais uma vez me enganarás!

22 de Agosto de 22

IGNOMÍNIA

Uma voz secreta flagela
Tortura e a pedra congela
Uma indefinível tristeza
Da embriaguez sem clareza

Responde deslustrando o olhar
A voz vem fumando o cachimbo
Na consciência amarga a borbotar
Palavras que murmuram sentenças de cacimbo

As nádegas roçam pelo sequestro
Como criança rabugenta, a chorar pela dor
Condoída na esteira da mão, quer quatro
Na sombra da voz, faz penitência de amor

Como um doente que pede para sofrer mais
Por se enfeitiçar com a doença emprestada
Com olhos humildes na esperança do áuspice
Cospe a Deus a misericórdia deste povo!

25 de Agosto 22

A DOR MINHA

Oh, sai só pela boca
Quando masturbo o meu coração
A cobra repudia a minha intenção

Dentro dos ossos,
Só dói a dor que curaste!
Senti o que não podia sentir
E estou de mal-estar...

Oh, sai só pela boca
O meu falo em tom de rasteira
Enrolou a cama estendida na esteira
Escuto pesadelo da voz rouca

Até já tenho fome...
Dói aqui, dói ali
Mas tu não comes...
Nem pedes licença para entrar

Atraído pela tesão,
De pragas e lamentações em horas percorridas
Tenho fome de perseguição em debelar o mal
Assim entro à força no poder para um bastão

Entra só, estás muito quente
Mas não me firas com a tua vontade!

26 de Agosto de 22

SOBRE O AUTOR



Pé Daterra, de seu pseudónimo literário, nasceu em casa de pau a pique aos 05 de setembro de 1990, no sector do Mucuí comuna do Hóke, município do Lubango - Huíla. Filho de pai camponês e mãe camponesa. Primeiro de 8 irmãos!

Fez o seu ensino de base I e II nível na escola nº 117 Mucuí, o III nível na escola nº 1730 e o II ciclo do ensino secundário na escola Nzinga Mbandi – Hóke.

Em 2008 estreou-se na literatura conjugando as ideias em poemários; em 2015 começou a rabiscar crónicas. Membro da Brigada Jovem de Literatura de Angola na Huíla. Patriota, escritor, cronista, contista, poeta e declamador; publicou seu primeiro livro literário intitulado: O Preço da Imoralidade – 2017.

Andou participando na Rubrica Letras Cruzadas, na Rádio Huíla, 2014/2019. Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior Politécnico Gregório Semedo -Huíla – 2019. Pós-graduação em Profissional de Jornalismo, opção Imprensa-Rádio, no Centro de Formação de Jornalistas (Cefojor – Luanda), 2021/2022.

Colaborou durante dois anos no Complexo Escolar Privado “António Houaiss” e um ano no Complexo Escolar Privado “Anjo da Guarda” na função de professor de Língua Nacional Olunyaneka no I ciclo – Lubango – 2016/2018.

Observador e pesquisador.

Fala e escreve fluentemente, Olunyaneka e Umbundu. Pessoa humilde, de trato fresco com pés picados na areia.

Contactos: 990241322/927241322
pedaterraescritor@gmail.com

joskambuala@gmail.com

Silvestres Da Minha Alma

Autor: Pé Da Terra

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico
Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Pé Da Terra

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

